

30 ABR 1997

20 ABR 1997

FHC

JORNAL DO BRASIL

**COISAS DA POLÍTICA**

■ DORA KRAMER

**Nem tanto,  
presidente...**

**P**ois em vista do quadro geral, o presidente Fernando Henrique Cardoso deve estar mordendo a língua de arrependimento da frase dita em dia de especial bom humor, já se vão quase uns dois anos, a respeito da leveza de suas funções. "É fácil governar o Brasil", disse Fernando Henrique a quem hoje, sem medo de errar, podemos retrucar: nem tanto, presidente, nem tanto.

Ontem o governo teve uma significativa, embora previsível, derrota ao não conseguir realizar o leilão de venda das ações ordinárias da Companhia Vale do Rio Doce. Até o final da noite a questão ainda poderia ser revolvida favoravelmente à venda, dependendo de uma decisão do Superior Tribunal de Justiça. De qualquer maneira, pela estratégia adotada pela oposição, a novos leilões deverão certamente corresponder novas ações na Justiça.

Que, nesse aspecto, sofre injustiça quando criticada, como o foi pelo presidente do BNDES, Luís Carlos Mendonça de Barros, pois cumpre estritamente sua função. No mundo real — quando democrático — existem embates.

Do mesmo jeito, o presidente da República deve exercer seu óbvio direito à opinião, mas não é correto que considere obrigação oposicionista reagir alegremente ao ser chamada de "tosca". Embora, na maioria das vezes e, notadamente, nessa questão da Vale, boa parte de suas ações e argumentos seja de fato de um primitivismo atroz dado que raros são os que têm pelo menos uma pálida idéia a respeito do que estão falando.

Mas a vida num país de atrasos oceânicos é mesmo assim. Cada um vai fazendo o seu papel e a platéia que bata palmas ao melhor no final. Ou seja, na eleição.

Não é o fim do mundo privatizar, nem deixar de privatizar, a Vale do Rio Doce, o Banco do Brasil, a Petrobrás, virar o Estado de cabeça para baixo. Pior o Brasil não ficará. Da mesma forma, porém, não é o fim do mundo que a oposição se manifeste e, seja ela tosca ou erudita, a administração desses obstáculos é função de governo. Principalmente de um governo que se elegeu considerando-se capaz de reformar.

O que surpreende é que o presidente Fernando Henrique tenha imaginado que faria isso sem se deparar com conflitos e resistências. Pelo discurso tucano que imaginava logo no primeiro ano estar livre da ditadura do quórum dos três quintos no Congresso e depois, quando foi aprovada a reeleição na Câmara, acreditava que a hegemonia estava consolidada e que governar era só correr para o abraço, parece que o núcleo central do poder acreditou sinceramente na tese da facilidade.

**Ao aprovar a  
reeleição, o  
núcleo central  
do poder  
acreditou que  
governar era  
só correr para  
o abraço**

Os mais impertinentes poderiam considerar um tanto tosca essa crença.

Que é provável que esteja um pouco abaizada. Ontem mesmo os jornais publicaram uma entrevista do presidente reclamando da vida para valer. Até do baixo nível dos programas de televisão ele se queixou. Condenou os "demagogos" do Congresso que não aprovam a reforma administrativa, deu palpites nas edições dos jornais, para ele escandalosos e ávidos pela barbárie, e, na noite anterior, num encontro de tucanos do Palácio da Alvorada, só não chamou o PMDB de bonitinho.

Partido com quem se reuniria ontem, o que poderia configurar excelente oportunidade para o presidente repetir diante dos pemedebistas que lhe garantiram a maioria para aprovar a reeleição as mesmas críticas. Sem dourar a pilula como prefere, mas usando assim uma linguagem mais direta, tosca talvez.

Fernando Henrique se queixou de que o PMDB só quer cargos, não é confiável, enfim, tudo o que todo mundo já está cansado de saber. Inclusive ele, quando optou — forçado pela realidade — por cooptar o PMDB à sua base. Quem dá as cartas é a banca, e se há jogadores ainda nessa mesa depois de tanto tempo é porque as regras foram aceitas por todos. Foi o presidente quem deu ao PMDB a prerrogativa de indicar dois ministros.

De mais a mais, não nos parece que tenha sido obra da oposição a eleição de um pemedebista para a presidência da Câmara dos Deputados. Muito menos coube ao PT a montagem da chamada equipe de articulação política do governo, encarregada justamente de fazer aprovar suas propostas no Parlamento. Alguma coisa, portanto, anda errada nessas relações que se supunham tão amistosas depois da acachapante vitória da reeleição.

Quanto ao baixo nível da televisão e o jornalismo de escândalos e barbaridades, o presidente fez a constatação do óbvio. Como ululante também é o fato de que a Suécia ainda não é aqui. Os meios de comunicação não inventam, mas apenas retratam realidades diante das quais não adianta se esquivar em aflição, porque a mudança é certa, embora lenta, como todo processo de evolução social.

Evidente que dá para entender que as manifestações do presidente estão também imbuídas desse espírito pedagógico de forçar o debate para campos mais evoluídos, menos repetitivos de valores ultrapassados.

Só que muitas vezes é preciso olhar para trás, para o lado e, principalmente, para dentro, antes de distribuir responsabilidades exclusivamente ao alheio. Sem constrangimento de reconhecer a amazônica dificuldade que representa governar, se é firme a intenção de mudar, o Brasil.